



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS CENTRO DE ESTUDOS
SUPERIORES DE PARINTINS LICENCIATURA EM LETRAS**

JOSÉ DALVO NEVES ALCÂNTARA NETO

**LITERATURA INDÍGENA NO FESTIVAL FOLCLÓRICO DE
PARINTINS: VOZES E NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA E
IDENTIDADE.**

UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

Parintins

2024

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS CENTRO DE ESTUDOS
SUPERIORES DE PARINTINS LICENCIATURA EM LETRAS**

José Dalvo Neves Alcântara Neto¹
Luís Alberto Mendes de Carvalho²

**LITERATURA INDÍGENA NO FESTIVAL FOLCLÓRICO DE
PARINTINS: VOZES E NARRATIVAS DE RESISTÊNCIA E
IDENTIDADE.**

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Letras –
Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas –
UEA como requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciado.

Orientador: Luís Alberto Mendes de Carvalho.

Parintins/AM

2024


¹ Acadêmico de Letras da Universidade do Estado do Amazonas – netoalcantara22@hotmail.com

² Professor Assistente da Universidade do Estado do Amazonas – UEA. E-mail: lamdcarvalho@uea.edu.br

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

N5111	<p>Neves Alcântara Neto, José Dalvo</p> <p>A Literatura Indígena no Festival Folclórico de Parintins : Vozes e Narrativas de Resistência e Identidade / José Dalvo Neves Alcântara Neto . Manaus : [s.n], 2025.</p> <p>42 f.: color.; 21,0 cm.</p> <p>TCC - Graduação em Letras- Licenciatura- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.</p> <p>Inclui Bibliografia.</p> <p>Orientador: Luís Alberto Mendes de Carvalho.</p> <p>1. Literatura Indígena. 2. Resistência Cultural. 3. Festival de Parintins. 4. Identidade Amazônica. 5. Toadas. I. Luís Alberto Mendes de Carvalho (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título</p> <p>CDU(1997)81</p>
-------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------



O artigo investiga a presença da Literatura Indígena nas toadas do Festival Folclórico de Parintins, destacando seu papel na resistência cultural e na afirmação da identidade dos povos originários da Amazônia. A pesquisa qualitativa analisa letras das toadas, entrevistas e observação participante, evidenciando temas como ancestralidade, preservação ambiental e direitos indígenas. Além de explorar a evolução histórica do boi-bumbá, o estudo conclui que o festival se consolida como espaço de manifestação cultural e política, garantindo a perpetuação das narrativas indígenas no cenário nacional.

Palavras-Chaves: Literatura Indígena. Resistência Cultural. Festival de Parintins. Identidade Amazônica. Toadas.



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



ABSTRACT

The article investigates the presence of Indigenous Literature in the songs (toadas) of the Parintins Folkloric Festival, highlighting its role in cultural resistance and the affirmation of the identity of the original peoples of the Amazon. The qualitative research analyzes song lyrics, interviews, and participant observation, revealing themes such as ancestry, environmental preservation, and indigenous rights. In addition to exploring the historical evolution of boi-bumbá, the study concludes that the festival is consolidated as a space for cultural and political expression, ensuring the perpetuation of indigenous narratives in the national scene.

Keywords: Indigenous literature, cultural resistance, Parintins Festival, Amazonian identity, toadas.





LISTA DE SIGLAS.

CESP – Centro de Estudos Superiores de Parintins.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa.

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano.

JAC – Juventude Alegre Católica.

PIB – Produto Interno Bruto.

PNDU – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano.

UEA – Universidade do Estado do Amazonas.

AFBBG – Associação Folclórica Boi-Bumbá Garantido.

AFBBG – Associação Folclórica Boi-Bumbá Caprichoso.



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

SUMÁRIO.

I- INTRODUÇÃO	08
II- METODOLOGIA	08
III-A GÊNESE DO BOI-BUMBÁ: UMA BREVE ANÁLISE SOBRE AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES NO BRASIL E EM PARINTINS	09
1. Bumba-Meu-Boi: As primeiras manifestações culturais no Brasil	09
2. Do Bumba-Meu-Boi ao Boi-Bumbá: A chega em Parintins	13
3. Os primeiros Festivais até a consolidação	18
4. Desenvolvimento da temática indígena nas toadas de boi-bumbá em Parintins	19
IV- A LITERATURA INDÍGENA E A RESISTÊNCIA CULTURAL NA TOADA DO BOI-BUMBÁ DE PARINTINS: PESPECTIVA DE ARENA	23
1. A Literatura Indígena no Festival Folclórico de Parintins	23
2. O brado do povo guerreiro: A crítica social e resistência indigna nas toadas	26
V- RITUAIS INDÍGENAS E LENDAS AMAZÔNICAS NO FESTIVAL DE FOLCÓRICO DE PARINTINS: LITERATURA INDÍGENA E MUSICALIDADE	29
1. Lendas: Definição, característica e significado	29
2. Ritos: Definição, característica e significado	31
3. Rituais Indígenas e Lendas Amazônicas no contexto musical do Festival Folclórico de Parintins	32
VI- CATALOGAÇÃO DE TOADAS QUE EXPRESSÃO LUTAS, RESISTÊNCIA E IDENTIDADE DOS POVOS INDÍGENAS NAS DE TOADAS DE PARINTINS	34
1. Toada (01) Índio. Compositor: Emerson Maia. Álbum: Uma Viagem à Amazônia. Boi Garantido 1995	34
2. Toada (02): Brasil: Terra indígena. Compositores: Gerlean Brasil / Kássia Muniz / Saimon Andrade. Boi Caprichoso. 2023	34
3. Toada (03): Legado Indígena. Compositores: João Medeiros / Marcos Lima / Maurinho Magalhães. Álbum: Amazônia do povo vermelho. Boi Garantido. 2022	35
4. Pura Harmonia. Compositor: Emerson Maia. Álbum: mito, cultura e arte. Boi Garantido. 1999	36
VII- CONCLUSÃO	38

I- INTRODUÇÃO.

A literatura indígena presente nas letras das toadas do Festival Folclórico de Parintins constitui uma importante manifestação artística de resistência e afirmação identitária dos povos originários da Amazônia.

Expressando narrativas que exaltam tradições, mitologias e a relação dos indígenas com a natureza, as toadas funcionam como uma forma de registro e preservação cultural. Este estudo busca investigar como as letras das toadas do Festival Folclórico de Parintins podem ser compreendidas como literatura indígena, reforçando a identidade cultural e histórica dos povos amazônicos.

A pesquisa se destaca por sua relevância, pois evidencia o papel das toadas na valorização da ancestralidade indígena, ao transformar elementos da oralidade e da cosmovisão desses povos em arte musical.

A questão norteadora desta investigação é: de que maneira as letras das toadas do Festival Folclórico de Parintins atuam como literatura indígena, promovendo a resistência cultural e a afirmação identitária dos povos originários da Amazônia?

Para responder a essa questão, o objetivo geral desta pesquisa é: Investigar como a literatura indígena de Parintins, manifestada principalmente através das toadas do Festival Folclórico, atua como um instrumento de resistência cultural e afirmação identitária, promovendo a valorização das tradições e histórias dos povos indígenas da Amazônia.

Já os objetivos específicos incluem: i) analisar criticamente as letras das toadas, identificando suas temáticas e símbolos indígenas; ii) explorar o diálogo entre essas composições e questões contemporâneas, como preservação ambiental e direito dos povos indígenas; e iii) avaliar o impacto dessas narrativas no fortalecimento da cultura amazônica e na conscientização da sociedade.

II- METODOLOGIA.

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, adotou-se uma abordagem qualitativa fundamentada no método etnográfico. Inicialmente, foi realizada uma revisão bibliográfica abrangente sobre literatura indígena, o Festival Folclórico de Parintins e as toadas dos bois

Caprichoso e Garantido, analisando documentos acadêmicos e outras fontes que abordam resistência cultural, identidade e preservação das tradições indígenas.

Em seguida, aplicou-se a observação participante durante o festival, registrando apresentações, interações entre artistas e espectadores para compreender a recepção e interpretação das toadas. Foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com compositores, cantores, dançarinos e membros das comunidades indígenas, visando captar suas perspectivas sobre o papel das toadas na valorização cultural.

A análise de conteúdo das letras das toadas identificou temas recorrentes ligados à identidade indígena e à preservação ambiental, utilizando software especializado para organização dos dados.

Além disso, estudaram-se casos específicos de toadas representativas, contextualizando-as dentro do festival e das práticas culturais das comunidades. A triangulação dos dados, comparando informações obtidas por diferentes métodos, garantiu maior confiabilidade aos resultados.

A pesquisa foi conduzida ao longo de 12 meses, divididos em etapas de revisão bibliográfica, coleta de dados, análise e redação do relatório final. Todos os procedimentos respeitaram princípios éticos, assegurando o consentimento informado dos participantes e a confidencialidade das informações, com um compromisso de colaboração e respeito às tradições indígenas.

III- A GÊNESE DO BOI-BUMBÁ: UMA BREVE ANÁLISE SOBRE AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES NO BRASIL E EM PARINTINS.

1. Bumba-Meu-Boi: As primeiras manifestações culturais no Brasil.

Ainda antes das primeiras manifestações da figura do boi enquanto auto, e em relação à expressão "bumbá", Cascudo (1972, p. 192) esclarece que é uma interjeição que transmite a impressão de choque, batida ou pancada.

Ele explica: "Bumba-meu-boi será 'Bate! Chifra, meu Boi!' voz de excitação repetida nas cantigas do auto, o mais popular, compreendido e amado do Nordeste".

Além disso, Cascudo (1972, p.193) observa que esse folguedo era exibido "dos meados de novembro à noite de Reis, 6 de janeiro, pertencente ao ciclo de Natal", e que os



tradicionalistas desaprovavam sua presença no carnaval.

Tenório (2016) argumenta que os fundamentos do Boi-Bumbá de Parintins, independentemente das variações culturais, têm suas raízes na história.

Em primeiro momento na história da cultura do boi enquanto divindade; no dogmatismo judaico/cristão; nas cruzadas entre mouros e cristãos, particularmente, na Península Ibérica; nos embates entre humanistas e a Igreja Católica e logo nos Autos de cunho religioso e satírico conforme a cultura renascentista. Em segundo momento, nos ais da escravatura negra entrelaçada ao projeto de colonização e de civilização portuguesa no Estado do Grão-Pará. Tenório (2016, p.22)

Por isso, essas manifestações são culturais, na medida que o homem migra, sua cultura e identidade o acompanha. Segundo Cavalcanti (2000), a primeira referência escrita à brincadeira do boi no Brasil data de 1840, em Recife, marcando o início da evolução dessa tradição cultural até sua chegada em Parintins, no Amazonas.

No Amazonas, o boi-bumbá de Parintins incorporou tradições indígenas, enriquecendo sua celebração e fortalecendo sua identidade cultural. As toadas do festival evoluíram ao longo dos anos, incluindo rituais e narrativas indígenas, tornando-se um importante instrumento de valorização das culturas ancestrais na Amazônia.

A primeira referência escrita conhecida à brincadeira do boi no país data de 1840 e vem do Recife. É o artigo. A estultice do Bumba-meu-boi, do frei Miguel do Sacramento Lopes Gama, beneditino secularizado que redigia o jornal *O Carapuceiro* na cidade do Recife (Lopes Gama, 1996). Como o título sugere, não se trata propriamente de uma descrição, mas antes de comentários soltos e argutos que servem de pretexto a um sermão diante do escárnio ao personagem do sacerdote no folguedo. A indignação do frei (deveras preconceituosa e muito engraçada) já permite entrever o caráter fragmentário da encenação, qualificada pejorativamente como um “agregado de disparates” e sua maleabilidade para a introdução de novos personagens ao enredo. Seria esse o caso do padre, cuja presença em cena, segundo o testemunho do frei, dataria dos anos mais recentes. (CAVALCANTI; 2000; p. 1021).

Com base em Cavalcanti (2000), a segunda referência escrita sobre o bumba-meu-boi no Brasil vem de Manaus, datada de 1859. O médico-viajante Avé-Lallémant registrou suas impressões sobre um bumbá que assistiu na cidade, descrevendo-o como um “cortejo pagão” inserido em uma festa católica em homenagem a São Pedro e São Paulo.

Ele destacou a dança do boi com o pajé ao ritmo do maracá, a “morte” do boi, e os “efeitos de luz” criados pelos archotes durante a dança ao redor do boi “morto”. Naquela época, o personagem do padre estava proibido.

Avé-Lallémant também ficou impressionado com a beleza e ousadia da fantasia de um

brincante travestido em “mulher” do tuxaua (chefe indígena) e viu no bumbá “algo atraente, algo de poesia selvagem”, com seus coros e saltos sincronizados.

A segunda referência data de 1859, e vem de Manaus. É a do médico-viajante Avé-Lallémant (1961, p. 106) de um Bumbá presenciado naquela cidade,² um “cortejo pagão”, introduzido no seio de “festa católica”, em homenagem a São Pedro e São Paulo. A descrição destaca a dança do boi com o pajé ao ritmo do maracá, a “morte” do boi, os “maravilhosos efeitos de luz” provocados pelos archotes durante a dança em volta do boi “morto”. O personagem do padre estava então proibido. Impressionou-o também a beleza e ousadia da fantasia do brincante travestido em “mulher” do tuxaua (chefe indígena). O viajante viu no Bumbá, “com seus coros e saltos cuidadosamente cadenciados, algo atraente, algo de lídima poesia selvagem”. (CAVALCANTI; 2000; p. 1021).

Conforme apontado por Cavalcanti (2000), no intervalo de tempo entre as duas descrições anteriores, Vicente Salles (1970) encontrou registros do bumba-meu-boi em jornais de Belém e Óbidos, datados de 1850. Além disso, Souza (2023) também evidencia registros de brincadeiras de boi na região do Pará, no ano de 1883.

em baixo, bem parecida com o formato atual de apresentação. A multidão, alegre, o segue e dança. Multidão de gente negra e, como se pode ver pelas casas e trajes, humildes, pessoas tornadas escravas pelo sistema colonial, mas com mecanismos próprios de lutar contra a dor. O contraste fica no canto esquerdo da tela. Apáticos, dois homens brancos assistem a cena. Dá para se ver, ladeando o boi, uma mulher grávida, Mãe Catirina, e um homem negro, Pai Francisco. O ano é de 1883. (SOUZA; 2023; p. 7).

A presença do folguedo em cidades bastante distantes entre si no mesmo ano sugere sua ampla difusão na Amazônia durante meados do século XIX.

Salles (1970) também assinala que os traços próprios do Bumbá no Norte já estavam bem definidos por volta de 1859, indicando uma evolução e adaptação da brincadeira às características locais. Esses registros históricos revelam a diversidade e a riqueza cultural do bumba-meu-boi, evidenciando sua capacidade de se disseminar e adaptar a diferentes contextos regionais.

A popularidade e a rápida disseminação do folguedo na Amazônia reforçam a importância cultural dessa manifestação, mostrando como ela se enraizou e se transformou em várias províncias brasileiras na segunda metade do século XIX.

No intervalo de tempo entre essas duas descrições, Vicente Salles (1970, p. 27-9) encontrou registros do Bumbá em jornais de Belém e de Óbidos, datados de 1850. A

referência ao folguedo no mesmo ano, em cidades bastante distantes uma da outra, sugere sua ampla difusão na Amazônia em meados do século XIX. O autor assinala ainda os traços próprios do Bumbá no Norte, já bem definidos por ocasião da descrição de 1859. Esses fatos favorecem a percepção da diversidade da brincadeira já em seus primórdios, e sugerem sua disseminação simultânea em várias províncias brasileiras na segunda metade do século XIX. (CAVALCANTI; 2000; p. 1021).

As brincadeiras provenientes de outras regiões, de maneira rápida e conceitual, se adaptaram e se desenvolveram no Norte, em especial na Amazônia, incorporando culturas remanescentes da região em evidência.

Ainda sobre os primeiros relatos, Martins (2015, p. 26), em seu artigo de pós-graduação em História pela Universidade Federal Fluminense *Política e cultura na história do bumba-meu-boi* evidencia uma passagem literária do escritor Aluísio de Azevedo em sua obra “O mulato” (1881) em que a brincadeira de boi já ocorria em ruas em honra a São João.

A noite caía no silêncio; ouvia-se um ou outro busca-pé retardado. Na rua, grupos pândegos passavam em troça para o banho de São João; do Alto da Carneira vinha um sussurro longínquo de Bumba-meu-boi. Cantavam os primeiros galos; cães uivavam distante, prolongadamente; no céu, azul e tranquilo, uma talhada de lua, triste, sonolenta, mostrava-se como por honra da firma, e, todavia, um homem, de escada ao ombro, ia apagando os lampiões da rua. (Aluísio de Azevedo em *O Mulato*. P. 160)

O escritor maranhense Aluísio de Azevedo publicou, no ano de 1881, a obra *O Mulato*. Este romance tem como cenário a cidade de São Luís, num período em que ainda transitavam por suas ruas homens e mulheres sob o jugo da escravidão. Nesta passagem citada acima, Aluísio de Azevedo descreve uma noite de São João, na qual busca-pés cortavam o silêncio e grupos caminhavam em direção ao rio Cutim para o tradicional banho de São João, costume antigo em que homens, mulheres e crianças tomavam banho nas águas do rio para se purificarem¹⁸. Na época em que os grupos de bumba não podiam adentrar na área urbana da cidade, era possível ouvir somente o *sussurro longínquo* de seus tambores ecoando pelas ruas da Ilha do Maranhão, São Luís. (MARTINS, 2015, p. 26)

Os relatos de Aluísio de Azevedo em *O Mulato* (1881) e de Martins (2015) evidenciam aparições do bumba-meu-boi já na época do autor, situando suas primeiras referências literárias no século XIX. Segundo Bulson (2024), “A origem do Bumba meu boi remonta ao período colonial brasileiro, com fortes influências das culturas africana, indígena e europeia”, o que contribuiu para a diversidade das festas populares.

No entanto, determinar com precisão a origem dessas festividades é um desafio antropológico, pois envolvem múltiplas influências culturais — europeia, africana, indígena e cabocla — e evoluíram a partir de diferentes contextos sociais e econômicos.

A origem desse folguedo ainda é difícil de precisar, por se tratar de uma manifestação cultural baseada na oralidade, com forte influência africana, indígena e européia, tendo como cenário o meio rural das fazendas de gado. Porém, de acordo com alguns relatos históricos, no Maranhão existe como primeiro registro publicado, o começo do século XIX, mais precisamente em 1829, mas já existem relatos históricos de sua presença em outras regiões do Brasil que remete ao século XVII e século XVIII, época colonial, período de escravidão, e também período chamado de Ciclo do Gado. (PINHO, 2012, p. 09)

2. Do Bumba-Meu-Boi ao Boi-Bumbá: A chega em Parintins.


Circunscrevendo-se ao boi-bumbá de Parintins, que remonta às brincadeiras do bumba- meu-boi do Maranhão, vemos que essa tradição que em umas das inúmeras vertentes discute a chegada do bumba-meu-boi no Estado do Amazonas e, conseqüentemente em Parintins, foi trazida através da migração de nordestinos nos tempos áureos da borracha. Esses migrantes trouxeram consigo não apenas sua existência, mas também sua cultura e religiosidade. Podemos entender em:

Veio pra nossa Amazônia / A cultura do bumba-meu-boi / No tempo áureo da borracha / Pelos nordestinos, foi trazido do sertão / E aqui o bumba-meu-boi se tornou boi bumbá / Auto de expressão popular / Que em Parintins criou raiz / Quando Lindolfo Monteverde / Descendente de negros nordestinos / Cumprindo a promessa que fez a São João / Criou para a glória desta terra / O boi bumbá Garantido que virou tradição / Criou para a glória dessa terra / O boi bumbá Garantido que virou tradição / A história revelou nossos poetas / Como o grande Vavazinho que ao luar / Cantavam pro boizinho nas ruas brincar / Bailando ao redor das fogueiras / Que iluminava o caminho Pra multidão vermelha da baixa passar / Brinca, brinca garantido, pra mostrar teu valor / Balanceia boi bonito, que o folclore consagrou / Brinca, brinca garantido folguedo de São João / Em defesa da Amazônia da cultura e da tradição. (BRANDÃO; CARNEIRO (2006)³

Meu querido São João Batista / Santo da minha devoção / Eu vim pagar a promessa / Do fundo do coração / Trago o melhor da fazenda / / Meu boizinho campeão / Lembrando a graça alcançada / Lhe ofertou com gratidão / Boi de santo, boi de santo / Que meu amo anunciou / Boi de santo, boi de santo / Que meu santo abençoou / Canto o santo, azul seu manto / Caprichoso é boi de santo / Que Cid ao santo ofertou / É madrugada / Lua alta iluminada / Relva verde serenada / Vento doce da restinga / Cheiro de terra molhada / Caprichoso é boi de festa / É da cidade, é da campina / Traz sua estrela na testa / É do coração da gente / Está nos olhos da menina / Um forte vento do campo / Couro preto bem sedoso / Que a luz azulou por encanto / Brinquedo belo e formoso / Nasceu meu boi Caprichoso / E o vaqueiro se espanta / Éta boizinho bonito / Éta boizinho danado / É boi de santo patrão / Presente pra namorada / Boi de santo, boi de santo / Que meu amo anunciou / Boi de santo, boi de santo / Que meu santo abençoou / Eu vim de longe, bem longe verso Sem sabe para onde ia / Andei no lobo do jumento / Como Jesus fez um dia / Vim do nordeste sonhando / Seguindo uma estrela guia / No barco para o Amazonas A saudade me seguia / Da estrela fiz minha sorte verso / Mulher e fama ganhei / Criei / o boi Caprichoso / Que ao nosso santo ofertei / 1913 em Parintins eu cheguei / Sou Roque Cid o primeiro / E o Caprichoso é o Rei. (ASSAYAG, 2005)⁴

³ Toada: **Tradição Folclórica da Amazônia**. Compositores: Marlon Brandão / Rosinaldo Carneiro. Boi Garantido. 2006.

⁴ Toada: **Boi de Santo**. Compositor: Simão Assayag. Álbum: A estrela do Brasil. Boi Caprichoso. 2005.



Como advento de negros e nordestinos na Amazônia, suas tradições e raízes embarcaram com os migrantes entre si, essas tradições conectadas com outras formam uma nova espécie de festividade a ser vivenciada. Essas presenças na Amazônia fortaleceram o contato cultural e contribuíram, em partes, com o pertencimento cultural do boi enquanto folclore na região.

Valentin (2005) explica que, por volta de 1832, a presença de negros na região do médio Amazonas, mesmo sendo pequena, influenciou não só o surgimento do Boi-Bumbá e sua evolução, bem como a identificação com o seu ritmo e sua música. Braga (2002) ressalta que a música afro-brasileira banto teve influência marcante nos bumbás e que o batuque é uma afirmação “da presença, da cultura e da identidade negra” (BRAGA, 2002, p.436) e de seu destaque como um dos elementos históricos na cultura brasileira. (SILVA, 2020, p. 31)

As tradições que se perpetuam em torno do boi-bumbá em Parintins têm origem na migração de homens, mulheres e crianças do Nordeste para a ilha de Tupinambarana¹¹. Eles trouxeram consigo suas culturas, raízes e identidades culturais, que ao se encontrarem com as culturas, raízes e identidades culturais já presentes na Amazônia, criaram então um choque intercultural.

Este encontro intercultural, ora delimitados apenas em festejos, resultou em folguedos e brincadeiras folclóricas do bumba-meu-boi em Parintins, ocorrendo uma integração do folclore amazônico com suas histórias e pertencimento caboclo e indígena.

Aspetos regionais como a relação do homem com a natureza, religiosidade e crenças foram incorporados, dando ao bumba-meu-boi a identidade e pertencimento parintinense, transformando-o no que conhecemos hoje como boi-bumbá.

O bumba-meu-boi do Nordeste, chegando à Amazônia, muda de nome e é chamado de boi-bumbá. Sofre impacto das culturas das populações aqui existentes, como a dos caboclos e dos índios, marcados pela natureza peculiar que os envolve. (VIEIRA FILHO; 2002; p. 28)

Ainda sobre a chegada em Parintins, Antônia Monteverde (2025), ⁵neta do Mestre Lindolfo Monteverde, criador do Boi Garantido, evidencia as primeiras manifestações do referido Bumbá pelo seu criador.

De acordo com Antônia (2025) “meu pai criou o Boi Garantido quando ainda era criança” explana ainda que “foi pagamento de promessa, alcançou e o criou como gratidão”.

De acordo com Raimundo Dejard Vieira Filho (2002), em sua tese “A festa de Boi-

⁵ Entrevista concedida na Cidade Garantido (2025), reduto de ensaios, projetos e elaboração de fantasia, alegoria entre outros.

Bumbá em Parintins: tradição e identidade cultural”, o boi-bumbá em Parintins antecede em várias décadas o festival folclórico celebrado no mês de junho.

Na gênese deste folguedo brasileiro em Parintins, não existiam apenas os bois Caprichoso e Garantido, que hoje são o foco central do festival. Inicialmente, com o enredo folclórico em ascensão na ilha tupinambarana, surgiram diversos bois que brincavam em seus respectivos terreiros, contribuindo para a riqueza e diversidade cultural do boi-bumbá em Parintins.

Ainda com Vieira Filho (2002), nas primeiras décadas do século XX, os bumbás Caprichoso e Garantido se diferenciavam dos outros bumbás ao criarem uma relação mais profunda e íntima com a população de Parintins.

Desde o início, nascem como rivais e dividem a cidade em duas metades antagônicas e ao longo das décadas seguintes, os dois bumbás se transformaram em canais onde as classes populares puderam expressar seus problemas, anseios e sonhos.

Em Parintins, nas primeiras décadas do século XX, os bumbás Caprichoso e Garantido se diferenciam dos outros bumbás pelo fato de criarem uma relação mais profunda e íntima com a população. Já nascem rivais, e dividem a cidade em duas metades antagônicas. Os dois bumbás, através das décadas seguintes, se transformarão em canais, onde as classes populares poderão exprimir seus problemas, anseios e sonhos. (VIEIRA FILHO; 2002; p. 28).

A divisão em cores é simbólica, mas se materializa no espaço de forma visível entre os torcedores (nas arquibancadas do bumbódromo, em que é proibido entrar com a cor do bumbá contrário ou mesmo nas ruas de Parintins), mas também na cidade de Parintins. A mesma divisão do Bumbódromo (leste azul e oeste vermelho) se reproduz na cidade (a leste, os bairros da “Cidade Caprichoso”, como Francesa e Palmares; e a oeste, a “Cidade Garantido”, abrange a Baixa do São José). Apesar desta divisão da cidade ser informal, encontra nas representações do espaço reforço de discursos sobre o espaço. (CAMPOS; 2021; p. 5).

A rivalidade entre as cores azul e vermelho fortalece o Festival Folclórico de Parintins, refletindo a competição entre os bois Caprichoso e Garantido. Essa tradição tem raízes na chegada do bumba-meu-boi ao Amazonas, trazido pelos migrantes nordestinos e adaptado à cultura local como boi-bumbá.

Segundo Silveira e Nakanomi (2021, p. 140), “os Bois estão entrelaçados na cultura local”, evidenciando essa fusão. A toada Tradição Folclórica da Amazônia, do compositor Paulinho Du Sagrado, reforça essa trajetória: “Veio pra nossa Amazônia / A cultura do bumba-meu-boi / No tempo áureo da borracha / Pelos nordestinos, foi trazido do sertão / E aqui o

bumba-meu-boi se tornou boi bumbá / Auto de expressão popular / Que em Parintins criou raiz.”

A influência do bumba-meu-boi na criação do boi-bumbá de Parintins é notável, demonstrando um forte processo de transferência cultural. Goés (2006, p. 27) enfatiza que “[...] a brincadeira do boi-bumbá em Parintins passa, obrigatoriamente, pela herança folclórica do bumba-meu-boi nordestino trazido pelos migrantes que vieram para Amazônia atraídos pelo ciclo áureo da borracha [...]”. Esse enraizamento cultural confirma a importância histórica dessa manifestação no Amazonas.

A herança ibérica do bumba-meu-boi veio na mala dos nordestinos, desembarcou nas cidades ribeirinhas, ganhou os adros da igreja, as ruas, os terreiros. O boi nordestino entrou em contato com a riqueza da cultura indígena, miscigenou-se, adaptou-se, enriqueceu-se com a arte plumária e transformou-se em boi bumbá. (Cultura e Folclore, 2000, p. 47)

Segundo Antônia Monteverde, o Boi Garantido surgiu após Lindolfo Monteverde fazer uma promessa a São João Batista, comprometendo-se a levar o boi às ruas todos os anos para alegrar a população. Essa tradição fortaleceu a cultura e identidade local, criando um vínculo profundo com a comunidade. Silva (2023) destaca que, em homenagem a São Pedro e São Paulo, realizava-se um cortejo chamado “bumba”, evidenciando a influência das festividades religiosas na região.

Com sua recuperação milagrosa, Lindolfo cumpriu sua promessa, e o Boi-Bumbá Garantido nasceu, consolidando-se como uma celebração que une crenças populares à preservação cultural amazônica.

A brincadeira do boi-bumbá em Parintins que começou como promessa a uma graça alcançada- cura de uma doença ou vida bem-sucedida- por seus fundadores, é hoje o Festival Folclórico de Parintins. Trata-se de uma festa que se iniciou na rua e com o passar do tempo tornou-se de arena, envolvendo novas personagens em sua trama e modificando um pouco a narrativa, porém permanecendo com elementos indispensáveis para narrar sua história. (SOUZA; 2011; p. 11)

O Boi Garantido, com suas toadas e apresentações, não só perpetua a herança do bumba-meu-boi do Maranhão, mas também se adapta e evolui, incorporando elementos das culturas e histórias locais.

No que se refere ao Boi Caprichoso, CAVALCANT (2000) evidencia relatos da criação do Bumbá pelos irmãos Cid, nordestinos que migraram para a Amazônia nos tempos da



borracha.

Conta a tradição que os Bois surgiram na cidade na segunda década do século XX. O Boi Garantido teria sido criado em 1913, por Lindolfo Monteverde, filho de açorianos. O Boi Caprichoso logo em seguida, há quem diga no mesmo ano, há quem diga um ano depois, criado pelos irmãos Roque e Antônio Cid (naturais do Crato, no Ceará) e por Furtado Belém, parintinense ilustre. (CAVALCANTI; 2000, p. 1030).

A criação do Boi Caprichoso envolve diferentes narrativas, com a família Gonzaga reivindicando sua origem em nome de Luís Gonzaga, suposto criador do boi azul.

Segundo Maria Inácia de Souza Gonzaga, em declaração ao Repórter Parintins (2013), o Boi Caprichoso sempre pertenceu a seu pai desde sua fundação. Saunier (1989, p. 41) afirma que “Folclore é a sabedoria de um povo e existe desde que os primeiros povos se reuniram em comunidade”, destacando como a incerteza sobre a origem do primeiro bumbá de Parintins alimenta a rivalidade entre os grupos e contribui para a construção de narrativas históricas.

O boi-bumbá não é apenas fruto de devoção e promessa, mas também um exemplo de adaptação cultural e expressão comunitária. Com o tempo, a festividade cresceu e se consolidou como tradição, com brincadeiras nas ruas, terreiros e quintais, onde as toadas celebravam a vida, a religiosidade e o cotidiano da comunidade parintinense.

Essa festa popular, em Parintins, iniciou-se no século XX, no ano de 1913 com os bumbás Caprichoso e Garantido, os quais realizavam brincadeiras de rua por intermédio de toadas, desafios e outras atividades relacionadas à vida social e cultural do povo parintinense. (SOUZA; Inéia Simas de; 2011; p. 20)

A forma tradicional mencionada refere-se às brincadeiras de boi-bumbá em suas características originais, ou seja, as primeiras expressões dessa manifestação cultural regional. As saídas pelas ruas de Parintins remontam às origens de Caprichoso e Garantido, símbolos de fé e promessas, que fortalecem a identidade cultural e celebram as tradições da comunidade.

Quando o boi saía às ruas, ou se apresentava em seus quintais, era o momento de tirar versos e neles estavam embutidas as diversas experiências da comunidade, os seus valores, crenças e percepção da natureza. Era uma forma de socialização, de humanização e de registrar os fenômenos da natureza e da sociedade em que viviam. (VIEIRA FILHO; 2002; p. 28)

O trecho de Vieira Filho, ressalta a importância cultural e social do boi-bumbá na comunidade de Parintins. Quando o boi saía às ruas ou se apresentava em seus quintais, não era apenas uma performance, mas um momento significativo de interação e expressão comunitária.

Os versos improvisados encapsulavam as diversas experiências, valores, crenças e

percepções da natureza dos membros da comunidade. Isso indica que o boi-bumbá servia como um veículo de socialização e humanização, permitindo que as pessoas registrassem e compartilhassem os fenômenos da natureza e da sociedade em que viviam.

3. Os primeiros Festivais até a consolidação.

Somente após este percurso histórico originaria então o Festival Folclórico de Parintins. De acordo com CAVALCANTI (2000), O festival, iniciado de forma tímida em 1965 sob a influência da Igreja Católica, passou por grandes transformações ao incorporar os bois-bumbás no ano seguinte.

Na década de 60, o "brincar de boi" deixou de ser realizado exclusivamente nas ruas e em terreiros e foi transferido para a arena, mudando a dinâmica das apresentações.

Sendo exato, foi em 1965, foi criado o Festival Folclórico de Parintins por um grupo de amigos da Juventude Alegre Católica (JAC), composto por Xisto Pereira, Lucenor Barros e Raimundo Muniz, unindo os bumbás Caprichoso e Garantido nas apresentações. Conforme Braga (2002, p. 28):

O Festival de Parintins teve início no dia 12 de junho de 1966, como o primeiro Festival Folclórico oficial. O local foi a quadra da catedral e ali foram realizados mais oito festivais. A partir dessa data, os bois-bumbás Garantido e Caprichoso adquiriram caráter competitivo durante as suas apresentações, com vistas a conquista da simpatia popular e do julgamento final que acarretaria o título de melhor do Festival.

Nesse sentido, a intervenção mais bem-sucedida ocorreu em 1965, quando um grupo de leigos, ligados à Juventude Alegre Católica (JAC) e liderado pelo primeiro prelado italiano de Parintins, (SILVEIRA; NAKANOMI, 2021, p. 136).

Cavalcanti (2000) ainda destaca que, no contexto da Amazônia, o Festival Folclórico de Parintins alcança dimensões massivas, conjugando, de modo inesperado e criativo, padrões e temas culturais tradicionais a procedimentos e abordagens modernizastes.

Em 1988, a inauguração do Bumbódromo – uma arena oficial para as disputas com capacidade para aproximadamente 15 mil pessoas – que parecia ser o ápice do desenvolvimento da festa, tornou-se, na realidade, um novo começo. (SILVEIRA; NAKANOMI, 2021, p. 136).

A cada ano, o festival cresce e atingiu proporções nacionais e internacionais, recebendo patrocínios notáveis que trouxeram mudanças na relação com o capital e com o setor turístico.

Essas parcerias não só proporcionaram uma estrutura melhor ao evento, como também contribuíram para sua expansão e sofisticação.

No âmbito turístico, o festival, ao longo dos anos, alcançou níveis gigantescos em termos regionais. Contudo, foi no início da década de 90 que o evento se refinou ainda mais, tornando-se a maior manifestação cultural do estado do Amazonas e que hoje atrai inúmeros turistas afim de apreciar e conhecer o grande espetáculo.

Em Parintins, a grandiosidade do espetáculo encanta e extrapola, obviamente, os três dias do espetáculo. Os números chamam a atenção. Segundo estimativas da Amazonastur, em 2019, passaram por pela ilha, nesse período, quase 70 mil turistas. (SILVEIRA; NAKANOME, (2021, p. 137).

Esse aprimoramento fez com que o festival alcançasse destaque nacional e internacional, emocionando toda a região norte. Hoje, atrai cerca de 70.000 turistas durante sua realização, consolidando-se como um dos maiores eventos culturais do Brasil.

Nesse sentido, o Festival Folclórico de Parintins se consolidou como a principal festividade do município, proporcionando alegria, emocionando seus apaixonados, despertando admiração e encantando o mundo.

Dentro dessa perspectiva, o Festival Folclórico de Parintins é uma festa popular que atingiu não apenas caráter nacional, mas também internacional, contagiando várias pessoas com seu ritmo empolgante, vibrante, valorizando a cultura local, atraindo milhares de brincantes. (SOUZA; Inéia Simas de; 2011; p. 20)

O boi-bumbá é uma referência de resistência às adversidades e representa a superação de se realizar um espetáculo grandioso e magnífico com recursos limitados. No âmbito da consolidação do festival no calendário estadual e nacional, é impensável imaginar Parintins sem o seu festival e vice versa, é como se fosse alma e corpo, unidos no discurso a favor da vida.

A isso referente, a festividade evidencia a luta pela preservação das temáticas indígenas, pelo não desmatamento e pela conscientização ambiental, com poesias entoadas dentro do espetáculo amazônico que é o Festival Folclórico de Parintins.

4. Desenvolvimento da temática indígena nas toadas de boi-bumbá em Parintins.

Nakanome (2017) destaca que o Festival Folclórico de Parintins passou por diversas transformações ao longo da história, resultando no grandioso espetáculo atual. Nos anos 1990, as questões indígenas, tanto pré quanto pós-coloniais, tornaram-se mais presentes, sendo incorporadas às narrativas, dramatizações, composições e representações.

Essa integração fortaleceu a identidade amazônica, promovendo maior visibilidade às manifestações culturais indígenas. Uma mudança importante foi a substituição do termo "Tribos Indígenas" por uma nomenclatura mais apropriada, evitando expressões pejorativas.

No boi-bumbá de Parintins, o papel do indígena ganhou "maior relevância, por meio de elementos como tribos indígenas estilizadas, tuxauas, pajé e cunhã-poranga, toadas que contextualizam a cultura, a história e a realidade dos povos indígenas" (Goés, 2006, p. 17).

Além disso, a adaptação do auto-do-boi amazonense trouxe mudanças significativas, especialmente na interação com temáticas indígenas. Tradicionalmente, o padre auxiliava na narrativa da morte do boi, mas ao chegar na Amazônia, essa função passou a ser exercida pelo Pajé, introduzindo aspectos da cultura indígena ao enredo (Cavalcanti, 2000, p. 1023).


A morte e ressurreição do bem precioso sugere o núcleo de um enredo dramático assim explicitado: era uma vez um precioso boi que um rico fazendeiro deu de presente a sua querida filha, entregando-o aos cuidados de um vaqueiro de confiança (Pai Francisco representado como um negro). Pai Francisco mata o boi para satisfazer o desejo de sua mulher grávida (Mãe Catirina). O fazendeiro percebe a falta do boi e manda o vaqueiro chefe investigar o ocorrido. O crime é descoberto e, depois de alguns percalços, chama-se os índios para ajudar na captura de pai Francisco. Trazido à presença do Fazendeiro, ele é ameaçado de punição. Desesperado, ele tenta, e ao final consegue ressuscitar o boi, com o auxílio de personagens que variam: o médico (e/ou) padre (e/ou) pajé.

Essas mudanças na tradição do boi-bumbá foram desenvolvidas e reinventadas ao longo do século XX na cultura parintinense, contribuindo para a identidade cultural do Amazonas e preservando uma dinâmica caracterizada por questões políticas e desenvolvimento social no contexto atual.

As associações folclóricas têm o compromisso de cada vez mais, destacar essas temáticas de maneira consciente dentro do espetáculo, refletindo o desejo contínuo de aprimorar o discurso do festival e garantir que ele esteja em constante desenvolvimento, sempre celebrando e respeitando a cultura indígena.

A inclusão e representação das tradições e personagens indígenas no Boi-Bumbá são cruciais para fortalecer a identidade cultural do Festival de Parintins. Esses elementos, incorporados por meio de danças, canções e encenações, exaltam a história e cultura dos povos indígenas da Amazônia, preservando e celebrando essas tradições.

Assim, o Festival de Parintins encena a vida da floresta com todos os seus elementos que fazem parte do folclore e mesmo da realidade do caboclo amazônico. Os índios, os animais, a indumentária, os costumes, as tradições são invocados de maneira que se vê no espetáculo uma forma de apelo à preservação da natureza. (SOUZA; Inéia Simas de; 2011; p. 26)



As diversas manifestações culturais indígenas são apresentadas de forma vibrante e criativa, encantando o público e promovendo uma maior conscientização sobre a importância da preservação das tradições e dos conhecimentos ancestrais.

Nesse contexto, os elementos indígenas são integrados de maneira detalhada e cuidadosa nas diversas apresentações do festival. Isso inclui desde danças e músicas até rituais e simbolismos, com destaque especial para a figura do pajé, que realça a riqueza da cultura indígena.

O Pajé é uma figura central nos rituais, vinculada ao xamanismo religioso e às práticas de cura. Nakanome (2019, p. 63) destaca que este momento da apresentação é glorioso e ressalta a importância do indígena como símbolo principal do espetáculo, carregando uma aura romântica de heroísmo.

No decorrer de sua existência, a Terra Indígena é caracterizada principalmente pela questão dos índios isolados sofrendo inúmeras ameaças fundiárias e também pelo desmatamento, que contribuem para uma possível diminuição populacional e pela ocorrência de embates violentos. A realidade conflitante enfrentada pela etnia Sateré-Mawé que habita os espaços urbanos de Parintins demonstra a visão e o tratamento que os indígenas historicamente recebem na sociedade ocidental. É frequente o fenômeno da migração para os Sateré-Mawé, sendo este um processo cultural que acontece desde suas origens. (GOMES; NASCIMENTO, 2021, p. 03)

Gomes e Nascimento (2021) destacam a vulnerabilidade da etnia Sateré-Mawé, que enfrenta ameaças fundiárias, desmatamento e migração forçada, levando a conflitos violentos e possível diminuição populacional. Esse cenário reflete a marginalização histórica dos povos indígenas e seus desafios na sociedade ocidental.

No Festival Folclórico de Parintins, essas questões ganham visibilidade, tornando-se um espaço de resistência e afirmação identitária. Segundo Cavalcanti (2000), a projeção nacional e internacional do festival se fortaleceu com a inserção do tema indígena no Auto do Boi, presente em sete dos 21 quesitos do espetáculo, incluindo Ritual Indígena, Pajé, Cunhã-Poranga e Lenda Amazônica.

A substituição do termo tribos indígenas por povos originários reforça a valorização cultural e a conexão do festival com as raízes amazônicas. Souza (2011, p. 28) salienta que o boi-bumbá não é apenas uma manifestação folclórica, mas também denuncia problemas socioambientais na Amazônia, ampliando sua relevância para além do espetáculo.

Como porta-voz da Amazônia, o festival evidencia anualmente os anseios dos povos originários, articulando tradições folclóricas e o cotidiano regional, fortalecendo as vozes indígenas na celebração.

No referido festival, também são apresentados personagens e características que remetem ao cotidiano amazônico, como: o caboclo ribeirinho, lendas amazônicas, rituais e figuras típicas regionais. É notável a forte presença da cultura indígena, materializada em seus aspectos tradicionais e processo criativo. (GOMES; NASCIMENTO, 2021, p. 02)

Com isso, o Festival de Parintins celebra o cotidiano amazônico e exalta a cultura indígena por meio de lendas, rituais e figuras típicas. Sua participação é essencial para a preservação da identidade e resistência dos povos originários. Embora o ritual permaneça constante, os temas abordados se renovam, destacando questões ambientais e sociais.

A presença indígena no boi-bumbá vai além das representações visuais, incluindo elementos linguísticos dos povos originários. Em 1995, o Boi Caprichoso apresentou a toada *Kananciuê*, composta por Ronaldo Barbosa, incorporando crenças e tradições indígenas ao espetáculo.

Wandiê ê ê á á (3x) / Wandiê ê ê carajá / Ciê... Kã-werá / Kananciuê (kananciuê) / Tatauapã (tatauapã) / Numiá (numiá) / Arapiá (arapiá) / Numiá / Sob a luz do luar Ê ê ê ê ê ê / Nas terras de berocã / Canaã, canaã / Às margens do rio Araguaia Aruanã (3x) / Inansô-werá / Ê ê ê ê ê ê / E se fez a luz No sopro da vida á Ciê (5x) / Ciá Carajá / Feiticeiro do fogo Entoa um cantar / Hei Hei / Pra afugentar / Hei Hei / Escuridão Feiticeiro da taba Eleva o olhar / Hei Hei / Vem clariar ó lua Todo o meu chão / Numiá arapiá / Hei Hei Hei Hei (3x). (BARBOSA, 1995).⁶

A toada *Kananciuê* incorpora expressões indígenas como *Wandiê*, *Carajá*, *Kã-werá*, *Kananciuê*, *Tatauapã*, *Numiá*, *Arapiá* e *Inansô-werá*, reforçando a oralidade e os dialetos dos povos originários da Amazônia. Com um ritmo hipnótico, típico de cantigas e rituais, celebra a cultura dos Carajás, mencionando figuras como o Feiticeiro do fogo, *Pajé*, e símbolos como a lua e o fogo, conectando espiritualidade e natureza. As toadas preservam tradições e unem comunidades, promovendo identidade e resistência cultural.

Cardoso (2020) destaca que palavras indígenas são fundamentais nas toadas, principalmente nas que envolvem rituais e figuras como a *Cunhã-Poranga*, símbolo da força feminina na aldeia. Em 2019, a *Cunhã-Poranga do Boi Garantido* enfrentou *Wandiê* (homem branco colonizador), resistindo à exploração e ao fogo que ameaçavam as terras indígenas. Em

⁶ Toada: *Kananciuê*. Compositor: Ronaldo Barbosa: Álbum: Luz e mistérios da floresta. Boi Caprichoso. 1995

2024, a Cunhã-Poranga do Boi Caprichoso lutou contra a demarcação, assumindo os anseios dos povos originários.

As performances do festival intensificam o discurso da mulher como heroína, com o Pajé também desempenhando papel crucial. A teatralidade dos bumbás evidencia globalmente a luta dos povos indígenas, como Davi Kopenawa Yanomami, representado na toada Terra, nosso corpo, nosso espírito (2020), reforçando a resistência das comunidades amazônicas.

A inclusão de temáticas indígenas nas toadas do Festival de Parintins amplia a visibilidade das culturas e dos dialetos dos povos originários no cenário nacional e internacional. O boi-bumbá, com suas apresentações vibrantes, tornou-se uma plataforma de divulgação e conscientização, destacando a riqueza cultural amazônica. Ao promover a literatura e a música indígena, o festival fortalece a identidade dos povos originários e celebra a preservação cultural. Sua evolução constante reflete a crescente consciência dos parintinenses sobre suas raízes indígenas e caboclas. A introdução de temáticas críticas e sociais nas toadas demonstra um compromisso com questões ambientais e de solidariedade à Amazônia e sua biodiversidade.

Assim, o Festival de Parintins encena a vida da floresta com todos os seus elementos que fazem parte do folclore e mesmo da realidade do caboclo amazônico. Os índios, os animais, a indumentária, os costumes, as tradições são invocados de maneira que se vê no espetáculo uma forma de apelo à preservação da natureza. (SOUZA; 2011; p. 26)

Com isso, Souza (2011) evidencia que o Festival de Parintins oferece uma rica celebração da vida amazônica, incorporando elementos folclóricos e aspectos da realidade do caboclo. Através da presença de índios, animais, indumentárias, costumes e tradições, o espetáculo atua como um poderoso apelo à preservação da natureza, refletindo a profunda conexão da comunidade com o ambiente ao seu redor.

IV- A LITERATURA INDIGENA E A RESISTÊNCIA CULTURAL NA TOADA DO BOI-BUMBÁ DE PARINTINS: PESPPECTIVA DE ARENA.

1. A Literatura Indígena no Festival Folclórico de Parintins.

A literatura indígena influencia o processo criativo das toadas do Festival de Parintins, servindo como base para poemas que se transformam em músicas. Antes dos anos 90, essa tradição era predominantemente oral, garantindo a transmissão de saberes e valores culturais.

No Bumbódromo, as apresentações dos bois Caprichoso e Garantido exploram essas composições como enredos centrais do festival. Além de exaltar rituais e lendas amazônicas, as toadas integram línguas oficiais e co-oficiais brasileiras, reforçando a preservação cultural. O festival também promove valores ambientais e celebra a biodiversidade, evidenciando a interação entre diferentes manifestações culturais (Braga, 2002, p. 393):


As letras das toadas executadas durante o Festival baseiam-se na criação literária dos compositores locais, que se inspiram em textos da literatura local e na tradição oral da região, entremeada por expressões derivadas da língua tupi ou língua geral [Nheengatu] formulada por missionários desde os tempos coloniais. A música representa reminiscências afro-brasileira banto, contrastando de modo atávico coro e solista, batida ou pancada em compasso binário e divisão rítmica, como dança e contradança. No evento, na apresentação de cada boi-bumbá, deve-se observar que a enunciação das toadas seria representada pelo coro ou galera e as funções de solista pelo levantador de toadas, o ritmo seria executado pela Batucada do Garantido e pela Marujada do Caprichoso, enquanto as coreografias obedeceriam sempre ao princípio da dança e contradança, caso a caso.

O Festival Folclórico de Parintins exemplifica como a cultura amazônica influencia o cotidiano e fortalece a identidade regional, criando uma tapeçaria de tradição e resiliência. Segundo o *Mundo Educação* (2024), é uma das celebrações mais importantes do Brasil, destacando a rivalidade entre Garantido (vermelho) e Caprichoso (azul), cujas apresentações envolvem música, dança, teatro e alegorias.

A literatura, como manifestação universal, não apenas exalta o ser humano, mas também defende a convivência harmoniosa com a natureza. Quando esse equilíbrio é ameaçado, torna-se um instrumento de resistência na preservação cultural e ambiental.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista desse modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação (CANDIDO, 1995, p. 242).

Candido (1995) argumenta que a literatura é uma manifestação universal, abrangendo tanto formas escritas quanto expressões populares como folclore e lendas. No Festival Folclórico de Parintins, essa ideia se fortalece, pois a literatura indígena presente nas toadas reflete a história, a resistência e a identidade dos povos da Amazônia. Mais que simples canções, as toadas abordam preservação territorial, luta cultural e direitos indígenas, reforçando a conexão entre os povos originários e a natureza.



Segundo Tassinari (1985, p. 453), “As sociedades indígenas convivem com o ambiente sem deprecá-lo irreversivelmente”, evidenciando essa relação na toada de Tonny Medeiros e Magno Aguiar (Mito, Cultura e Arte, 1999), cujos versos apelam à preservação dos rios e florestas. Santos (2020, p. 13) destaca que a literatura indígena funciona como diálogo e resistência, resgatando histórias negadas. No festival, essa expressão literária se torna um instrumento de valorização e conscientização, ampliando a voz dos povos indígenas na cultura brasileira.

A literatura produzida por escritores indígenas é uma realidade no cenário literário brasileiro. Trata-se de textos que representam as mais variadas etnias. A literatura, para esses escritores, é uma forma de dialogar com a sociedade hegemônica e mostrar suas histórias, que por muito tempo foi negada e expropriada. Essa escrita funciona ainda como um instrumento de manutenção das identidades indígenas. (SANTOS, 2020. p 13).

Santos (2020) ressalta a literatura indígena como instrumento de resistência, empoderamento e preservação cultural, destacando seu papel no diálogo com a sociedade hegemônica e na valorização das identidades étnicas diversas. Essa produção literária repara injustiças históricas ao dar voz a narrativas antes negadas, promovendo uma cultura mais plural e inclusiva.

Nesse contexto, a toada “Amazônia, nossa luta em poesia”, composta por Adriano Aguiar para o Boi Caprichoso em 2022, torna-se um exemplo poderoso de resistência poética. A canção expressa, por meio de versos como “Punhos erguidos aqui / de braços dados até o fim” e “Liberdade é arte / que triunfa e voa”, a união, a solidariedade e a luta dos povos indígenas.

A imagem dos “guardiões azulados” remete aos defensores culturais do Boi Caprichoso, enquanto “Cingidos de poesia / o nosso canto entoa / entoa” reforça a permanência e a força da tradição oral indígena. A toada exemplifica como a arte do festival pode ser uma ferramenta potente de valorização cultural e ambiental da Amazônia.

Esse Festival, a cada ano que passa, vem contribuindo para a formação cultural do povo parintinense, pois na contextualização do povo Amazônico, sua história é contada e recontada através de toadas, lendas, rituais. De modo lúdico, sua trama é narrada e encenada todos os anos com enfoques diferentes, porém com o mesmo objetivo: divulgar a cultura do homem Amazônico. (SOUZA; 2011; p.17).

Souza (2011) destaca o Festival Folclórico de Parintins como elemento central na formação cultural do povo parintinense, ao narrar de forma lúdica e anual a história amazônica por meio de toadas, lendas e rituais. Essas expressões reforçam a resistência e valorização da

identidade indígena, permitindo que suas tradições enfrentem os desafios contemporâneos e ganhem visibilidade na cultura brasileira.

A literatura indígena presente nas toadas do festival emerge, assim, como uma ferramenta fundamental de fortalecimento cultural, reafirmando a luta dos povos originários por reconhecimento no cenário nacional.

Na sociedade contemporânea, encontram-se cada vez mais presentes as questões dos povos indígenas, principalmente no que diz respeito ao seu reconhecimento e inserção perante as conjunturas econômicas e sociais do Brasil. (Gomes, Nascimento, 2021, p.1)

Com isso, as toadas expressam narrativas de resistência e preservação ambiental, educando o público sobre a importância das culturas indígenas e dos ecossistemas da região.

Assim, a escrita indígena e o festival desempenham um papel vital na valorização e divulgação das tradições culturais da Amazônia.

Para entender a profunda ligação entre a literatura indígena em Parintins e o tema de estudo, a etnografia foi o método escolhido. Conforme o pensamento de Bachelard (1983).

Para a epistemologia é preciso aceitar o postulado seguinte: o objeto não poderia ser designado como um “objetivo” imediato; em outras palavras, uma ida ao objeto não é inicialmente objetivo. É preciso, pois, aceitar uma verdadeira ruptura entre o conhecimento sensível e o conhecimento científico. (BACHELARD; 1983; p. 115).

Nesse caso, Gaston Bachelard (1983), para a epistemologia é fundamental reconhecer que o objeto de estudo não pode ser considerado como um objetivo imediato.

Em outras palavras, a compreensão do objeto não é algo que se alcança diretamente. É necessário aceitar a existência de uma ruptura entre o conhecimento sensível (aquele adquirido através dos sentidos) e o conhecimento científico (aquele adquirido através de métodos rigorosos e racionais).

Essa ruptura implica que o conhecimento científico requer uma abordagem distinta, que vai além da simples observação e percepção sensorial. É através dessa diferenciação que a ciência pode evoluir e desenvolver um entendimento mais profundo e preciso dos fenômenos estudados.

2. O brado do povo guerreiro: A crítica social e resistência indigna nas toadas.

O brado do povo guerreiro, tema do Boi-Bumbá Caprichoso em 2023, consagrado

bicampeão do Festival de Parintins, simboliza a força, resistência e determinação dos povos da Amazônia, especialmente os indígenas. Mais que espetáculo, o festival torna-se ato de resistência cultural, unindo os povos da floresta na defesa de suas tradições e territórios.

O Caprichoso, com esse tema, evidenciou a luta contra o marco temporal e atuou como porta-voz dos povos originários, amplificando seus anseios por meio da arte e reafirmando seu compromisso com a preservação da cultura e dos direitos indígenas.

Meu brado eu vou cantar / ninguém vai nos calar! / boi caprichoso / é quem mostra a cara / não para! / quando o tambor rufar / meu boi vai proclamar / que a nossa festa / é o manifesto / ninguém vai nos calar! / nosso boi é do povo / tecido de gente / bandeira de sonhos / (profeta da massa) / brinquedo de rua / se torna esperança / pro povo brincar / é ancestralidade / semente de luta de / um povo guerreiro / forjado de força / herança que o tempo moldou pra ficar / é resistência (resistência), / consequência (consequência) / das dores e lutas / brava gente que teima pra continuar / identidade, diversidade / plantada em teu ventre / sagrada e sangrada / o brado da gente a avançar

/ sou revolução / (sou arte e batuque, pura tradição) / que planta o futuro / na transformação / da festa do povo / cultura popular / cantem nosso brado / um canto marcado / um grito calado / as vezes negado / desfraldado a nos libertar / a nos libertar

/ é nosso brado (é nosso brado) / é nosso canto (ô-ô-ô-ô-ô) / de rua, quilombo, aldeia

/ é do povo do brado guerreiro / é nosso brado (é nosso brado) / é nosso canto (ô-ô-ô- ô-ô) / é de gente de beira de rio / de ribanceira / meu brado eu vou cantar / ninguém vai nos calar! / boi caprichoso / é quem mostra a cara / não para! / quando o tambor rufar / meu boi vai proclamar / que a nossa festa / é o manifesto / ninguém vai nos calar! / não para! / segue, avança, luta! / ninguém vai nos calar! / não para! / segue, avança, luta! / cantem nosso brado / um canto marcado / um grito calado / as vezes negado / desfraldado a nos libertar / a nos libertar / é nosso brado (é nosso brado) / é nosso canto (ô-ô-ô-ô-ô) / de rua, quilombo, aldeia / é do povo do brado guerreiro / é nosso brado (é nosso brado) / é nosso canto (ô-ô-ô-ô-ô) / é de gente de beira de rio / de ribanceira (AGUIAR; NAKANOMI; BARBOSA, 2023)⁷

A toada *Meu brado eu vou cantar* representa uma forte expressão literária e simbólica da resistência e luta dos povos indígenas da Amazônia, especialmente no contexto do boi-bumbá de Parintins. Suas letras evocam liberdade, ancestralidade e identidade, funcionando como um verdadeiro manifesto cultural.

As toadas transcendem a arte e tornam-se ferramentas de resistência política e social, ao preservar e difundir as narrativas, valores e tradições indígenas. O processo criativo das toadas

⁷ Toada: O Brado do Povo Guerreiro. Compositores: Adriano Aguiar; Erick Nakanomi; Ronaldo Barbosa. Boi Caprichoso. 2023

incorpora poesias que narram rezas, rituais e lendas, consolidando uma literatura libertária e crítica, comprometida com a preservação das culturas originárias.

Esse canto , essa prece , esse brado é meu / é a herança dos meus ancestrais / são os cantos de amor da terra / essas lanças que se erguem e cortam os ventos / essas flechas que atravessam o céu / o troar dos tambores da guerra / na maloca dos cantos , na morada das almas / dos bravos , tuxauas e chefes / dos penachos errantes , das pinturas no rosto / cantai velhos pajés / canta o grande guerreiro , dança o feiticeiro / os filhos da terra , os filhos da selva / os filhos da flecha , os filhos do sol / sob a luz do luar , tocam os maracás / o cara ! flecha , pintura taquara / na dança da chuva , no bater dos pés na terra molhada / ao redor das fogueiras os velhos que contam / histórias de luta de um povo que sempre entou seu cantar / trovões e relâmpagos cruzam os céus / estrondam os céus . . . / nas flautas torés , trocanos , inhambés / chocalhos , tambores , o som tribal / dos cantos, das danças , das crenças / das rezas dos pajés / hêiêê nara hêi. (AGUIAR; BASTOS; TRINDADE, 2010).

O brado do povo guerreiro, manifestado nas toadas do boi-bumbá de Parintins, representa a resistência e a luta pela preservação cultural dos povos amazônicos. Utilizando elementos como cantos, preces, lanças e tambores, reforça a herança ancestral e o papel dos líderes espirituais na transmissão dos saberes.

As toadas não apenas contam histórias, mas também atuam como instrumentos de resistência, defendendo os direitos indígenas e enfrentando ameaças externas à sua cultura. Em um país multicultural como o Brasil, onde a região norte é menos povoada, o festival se torna essencial para aproximar o público dessas narrativas, garantindo que as tradições indígenas e amazônicas sejam preservadas e divulgadas para um público mais amplo.

Era a moça mais linda da vila do pescador / A beleza mais rara, feitiço das águas, Dasdô / Nos seus olhos viviam as luzes / Que vinham de longe / Cidade que abre mil asas de sonhos / Tá querendo te levar / Era noite de lua, tão cheia de lua / Tão clara de lua / Uma noite pra se apaixonar / Foi Dasdô deslizando, no barco, bailando / Cidade chamando, nessa noite, pra se apaixonar / Foi no espelho das águas / Que a bela Dasdô conquistou / O coração mais vermelho / O senhor dos banheiros, ordenou / Que seus quatro cavalos de fogo / Tomassem o barco do encanto / E a jovem levasse, pro feitiço completar / E no fundo do rio, barrento no cio / O belo senhor recebeu Dasdô / Que se apaixonou / E o amor se expandiu / E do barco surgiu a cidade encantada / Que se iluminou / Que se iluminou (PERRONE; VERAS; MARINHO; BAGRE, (2007)⁸

As toadas do Festival de Parintins alcançam públicos nacionais e internacionais, fortalecendo a identidade cultural amazônica e promovendo a valorização das culturas

⁸ Toada: Dasdo e o barco do encanto. Ana Paula Perrone / Helen Veras Filho / Paulo Marinho / Renato Bagre. Álbum: Guardiões da Amazônia. Boi Garantido. 2007.

indígenas. Como instrumento de resistência, a literatura indígena nas toadas perpetua a memória e as lutas dos povos originários, destacando sua conexão com a natureza e seus valores ancestrais. Ao enaltecer conquistas e desafios dos guerreiros indígenas, essas canções garantem que suas vozes continuem sendo ouvidas e inspiram futuras gerações na defesa da preservação cultural e ambiental.

V- RITUAIS INDÍGENAS E LENDAS AMAZÔNICAS NO FESTIVAL DE FOLCÓRICO DE PARINTINS: LITERATURA INDÍGENA E MUSICALIDADE.

1. Lendas: Definição, característica e significado.

A priori, referente a lendas, é incerto afirmar com exatidão a origem de Rituais e Lendas, visto que é de essência humana em si a existência de crenças e oralidade, no entanto, Jean Pierre Bayard (2022) defende que as lendas existem desde as primeiras sociedades.

Mitos e lendas fazem parte do homem em sua natureza mais complexa e influenciam como pode-se observar e entender o mundo, é um pseud. ideal psicológico, que se refugia em suas crenças e imaginários culturais na construção de sua práxis filosóficas e religiosas.

Ainda sobre isso (NASCIMENTO, 2022, p. 1548):

Os mitos e as lendas estão intimamente ligados aos valores, à simbologia e às crenças, que não só influenciam a forma como se vê aquilo que nos rodeia, como também o nosso interior. Estão intimamente relacionados com a identidade cultural das localidades e com a cultura dos povos.

Nesse sentido, o ser humano, adepto à imaginação, crenças e oralidade, buscava persuadir a si mesmo em busca de um ideal, para Paulo de Carvalho Neto:

Lenda – É uma narrativa imaginária que possui raízes na realidade objetiva, é sempre localizável, isto é, ligada ao lugar geográfico determinado. (p. 132) Mito – Narrativa da ação de um ser inexistente. É a representação mental e irreal de um elemento com formas humanas, de astros, de peixes, de outros animais ou qualquer coisa, cuja ação em geral causa medo. (p. 146).

Esse ideal psicológico, reforçado pelas crenças e pela oralidade, incitava no homem primitivo pensamentos sobre o desconhecido, possibilitando a criação e vivências que, posteriormente, seriam conhecidas como lendas ou ritos.

Desde a formação dos primeiros aglomerados, das primeiras comunidades, o ser humano destaca-se por sua grande capacidade de criar mecanismos que lhes proporcionem uma melhor maneira de viver e ver o mundo, e de lidar com os mais diversos acontecimentos que lhe são oferecidos no decorrer de sua vida. No entanto, o „poder da mente“

é sempre usado na tentativa de um desenrolar dos acontecimentos e na fabricação de uma saída para as mais diversas „enroscadas“. “Este divertimento do povo é sua aspiração secreta, sua busca espiritual de um mundo maravilhoso onde impere o valor do homem, e onde as leis, tão detestadas, sejam abolidas.”² Todo esse imaginário é responsável pela construção e identificação de inúmeras culturas, pois caracteriza, denomina e sela os espaços no qual este é elaborado. Assim; (NASCIMENTO, 2022, p. 1537)

No âmbito acadêmico, quando algo é considerado significativo, busca-se primeiramente sua definição conceitual, orientada por referenciais teóricos. Nesse contexto, compreender o que são ritos e lendas é essencial para explorar suas características e significados.

Segundo Santos e Filho (2023, p. 353), esses elementos atuam como mediadores entre o ser humano e o desconhecido, sendo os mitos formas narrativas que explicam fenômenos naturais, históricos ou existenciais. Tais narrativas refletem o imaginário cultural e político de cada sociedade, nascendo de estruturas críticas, religiosas, populares e afetivas, expressando a profundidade simbólica do pensamento humano.

As lendas são episódio heroico ou sentimental com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral e popular, localizável no espaço e no tempo. De origem letrada, lenda, legenda, “legere” possui características de fixação geográfica e pequena deformação e conserva-se as quatro características do conto popular: antiguidade, persistência, anonimato e oralidade. É muito confundido com o mito, dele se distancia pela função e confronto. O mito pode ser um sistema de lendas, gravitando ao redor de um tema central com área geográfica mais ampla e sem exigência de fixação no tempo e no espaço. (CASCUDO, 2000, p. 348).

As lendas funcionam como um elo entre o ser humano e o desconhecido, auxiliando na compreensão das incertezas da vida e no fortalecimento da identidade cultural e espiritual das comunidades. Elas são narrativas orais que preservam valores e explicam as origens das civilizações e costumes. Entre povos indígenas e quilombolas, a oralidade sempre foi essencial para transmitir histórias e glórias, estimulando o imaginário e reforçando tradições.

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos. (THOMPSON, 1992, 17).

Com isso, a oralidade preserva as lendas e vice versa no âmbito da cultura popular, transmitindo valores, crenças e conhecimentos entre gerações. Essas narrativas orais moldam a identidade coletiva, fortalecem a coesão social e são adaptadas ao longo do tempo, mantendo-se relevantes em diversos contextos culturais e históricos.

Quanto aos ritos, sua definição remete a rito, palavra procedente o latim, ritus. Trata-se de um costume ou de uma cerimônia que se repete de forma invariável de acordo com um

conjunto de normas previamente estabelecidas.

Portanto, cabe ressaltar que as lendas podem ser consideradas elementos fundamentais na construção de uma identidade social, cultural, local e até mesmo religiosa de determinado grupo em determinado tempo e espaço, e que a partir destas é possível que o pesquisador descubra os mais diversos aspectos presentes em um passado a ser estudado. (NASCIMENTO, 2022, p. 1540).

As lendas têm suas raízes na literatura oral e tradicional, sendo criadas pelo povo e transmitidas de geração em geração. Somente mais tarde, alguns autores as registraram por escrito. Essas lendas são fundamentais para a preservação da identidade cultural e para a construção de identidade, integrando determinados grupos dentro do contexto social.

2. Ritos: Definição, característica e significado.

Conforme o dicionário Dicio, (2025),⁹ **i)** - Reunião das ações, das práticas, dos ritos que compõem uma cerimônia, religiosa ou não. **ii)** - [Religião] Livro ou documento que registra o modo como essas práticas devem ser executadas. **iii)** - [Por Extensão] Reunião das normas preestabelecidas que precisam ser respeitadas numa ação solene; cerimonial. **iv)** - [Por Extensão] Cerimônia religiosa.

Os ritos só podem ser definidos e distinguidos das outras práticas humanas, notadamente das práticas morais, pela natureza especial de seu objeto. Com efeito uma regra moral, assim como um rito, nos prescreve maneiras de agir, mas que se dirigem a objetos de um gênero diferente. Portanto, é objeto do rito que precisaríamos caracterizar o próprio rito. Ora, é na crença que a natureza especial desse objeto se exprime. Assim, só se pode definir o rito após se ter definido a crença. (Durkheim, 1996, p. 19).

Segundo Durkheim (1996), os ritos são práticas humanas fundamentais para o processo de socialização, permitindo a integração dos indivíduos na sociedade. Dotados de natureza simbólica, diferem das regras morais e estão profundamente ligados às crenças culturais.

Além de prescreverem modos de agir, os ritos carregam significados que reforçam e legitimam normas sociais, contribuindo para a identidade coletiva e a coesão social. Como destaca Martins (2022, p. 124), “Ritual é uma forma fundamental de interação”, essencial para a convivência e estruturação das relações humanas.

Aguirre (1999) complementa afirmando que os rituais estão presentes em todas as sociedades, sejam cotidianos ou parte de tradições elaboradas. Desde tempos imemoriais, esses

⁹ Link: <https://www.dicio.com.br/ritual/>

ritos marcam mudanças pessoais, simbolizando crescimento e transformação, aspectos essenciais para a construção da experiência humana.

Há muito tempo, a antropologia demonstrou que, em todas as culturas, existe aquilo que se chama rito de passagem: cerimônias ritualísticas compartilhadas intersubjetivamente no seio de uma cultura, em que se busca dar expressão simbólica ao fato de que um sujeito mudou algum aspecto significativo de sua personalidade, representativo para seu contexto cultural (Aguirre, 1999).

Santos e Filho (2023, p. 354) afirmam que "Rituais são ações simbólicas constitutivas de uma comunidade, na medida em que representam e transmitem, espacial e temporalmente, seus ordenamentos e valores." Schmitt (2014, p. 52) observa que o cristianismo também incorpora esses elementos fundamentais.

Segundo Malinowski (1984), "o rito imita a sua finalidade", pois ao "chamar atenção para alguma coisa" (Rocha, 1995), ele destaca e define significados essenciais nas interações sociais. Maciel (2001, p. 91) reforça que o ritual desempenha função controladora e legitimadora na estrutura social, delimitando simbolicamente o que "nasce" e o que "morre", além de atuar no processo criativo da socialização.

Desta forma, os rituais, ao fazerem parte do processo de socialização, influem no ritmo e na velocidade em que a socialização ocorre. E nesse sentido que "os ritos marcam momentos especiais da vida social" (Leopoldi, 1978, p. 21). Ou seja, a influência que o ritual tem na socialização, está no fato de que este tende a potencializar o processo socializador a que está relacionado, devido se encontrarem integrados e vinculados à "estrutura da sociedade em que ocorrem" (Idem, p.21). (MACIEL, 2001, p. 68).

Esse trecho destaca como os rituais desempenham um papel fundamental no processo de socialização, influenciando tanto o ritmo quanto a velocidade com que ela acontece.


Os rituais marcam momentos importantes na vida social, potencializando o processo de socialização devido à sua integração e vinculação com a estrutura da sociedade onde ocorrem.

Em resumo, os rituais têm um impacto significativo na maneira como as pessoas se socializam, reforçando a coesão social e a identidade cultural.

3. Rituais Indígenas e Lendas Amazônicas no contexto musical do Festival Folclórico de Parintins.

Os Rituais Indígenas e as Lendas Amazônicas nem sempre fizeram parte do Festival Folclórico de Parintins, que surgiu na década de 1960 para apoiar a construção da igreja de Nossa Senhora do Carmo.

Segundo fundamentações teóricas, os aspectos indígenas foram incorporados aos itens



de pontuação do espetáculo apenas nos anos 1990, quando surgiu a necessidade de estabelecer uma identidade própria para os bumbás e o festival.

Lendas como Curupira, Matinta-Pereira, Iara, Mãe-d'água e Wadiê reforçam as raízes ancestrais da região, defendendo a preservação da terra e do homem. As toadas, ao conectarem línguas brasileiras, evidenciam essa temática e fortalecem o compromisso dos bumbás com a preservação cultural e identitária dos povos originários.

Os mitos etiológicos podem ser vistos como meios poderosos de instituir modos de ver o mundo e o lugar de cada coisa no mundo, veiculando os binômios antitéticos. (ROSA, 2014, p. 203).

O Festival de Parintins, realizado anualmente no Amazonas, celebra as tradições dos povos amazônicos por meio de rituais, danças e encenações que reforçam a identidade e a resistência indígena. Ao longo dos anos, o Boi Garantido e o Boi Caprichoso incorporaram diversas lendas e rituais às apresentações, como Curupira, Wadiê, Naruna, Icamiba e Rito Sateré, ampliando o conhecimento sobre os ritos indígenas.

Os espetáculos promovem uma conexão profunda com a cultura amazônica, evidenciando lutas, resistências e a valorização dos povos originários. Além disso, o festival também abraça as narrativas dos povos afrodescendentes, reforçando a importância da diversidade cultural na floresta e suas comunidades.

O Festival Folclórico de Parintins celebra as raízes ancestrais e tradições indígenas da Amazônia, exaltando a diversidade cultural dos povos da floresta. Em 2022, o Boi Garantido destacou a preservação da vida com o tema *Garantido, por toda vida*, enquanto em 2023, o Boi Caprichoso abordou as lutas sociais indígenas com *O brado do povo guerreiro*.

As toadas de ambos os bois reforçam a resistência e identidade dos povos amazônicos, promovendo a coesão social e a valorização cultural. No festival, os Rituais Indígenas e Lendas Amazônicas se tornam momentos de grandiosa apoteose, unindo arte cênica, coreográfica e alegórica, evidenciando a riqueza mitológica da região e encerrando as apresentações de forma espetacular.

VI- CATALOGAÇÃO DE TOADAS QUE EXPRESSÃO LUTAS, RESISTÊNCIA E IDENTIDADE DOS POVOS INDIGENAS NAS DE TOADAS DE PARINTINS.

1. Toada (01) Índio. Compositor: Emerson Maia. Álbum: Uma Viagem à Amazônia. Boi Garantido 1995.

Eu sou um índio / Sou um índio guerreiro / Sou também feiticeiro / Mas eu não quero guerra / Quero a paz na terra / A selva pra caçar / E o rio pra pescar / Eu sou um índio / Pense nisso seu branco / Já tiraste o encanto / O esplendor da floresta / Quase nada me resta / Eu só quero viver / Ver meu filho crescer / Me deixe em paz seu moço / Ou eu fico louco / Respeite os limites pra manter minha nação / Não preciso do seu saber / Por que isso me faz sofrer / Eu já tenho a beleza / Da mãe natureza pra sobreviver. (MAIA, 1995)

A toada *Índio*, de Emerson Maia, utiliza uma estrutura simples e repetitiva para reforçar a identidade e resistência indígena. A frase "Eu sou um índio" afirma o orgulho das raízes, enquanto a oposição entre desejo de paz e imposição de guerra evidencia a luta contra a invasão e destruição do modo de vida indígena.

Com versos curtos e ritmo cadenciado, a musicalidade facilita a memorização, característica essencial das toadas do boi-bumbá. A crítica à interferência do homem branco, que "tiraste o encanto" e "o esplendor da floresta", denuncia os impactos da colonização. O apelo "me deixe em paz seu moço" e "respeite os limites pra manter minha nação" reforça a necessidade de preservação dos territórios indígenas.

A rejeição ao saber imposto e a valorização da sabedoria ancestral destacam a harmonia dos povos originários com a natureza. Assim, a toada se torna uma voz poética de resistência, clamando por respeito e preservação cultural.

2. Toada (02): Brasil: Terra indígena. Compositores: Gerlean Brasil / Kássia Muniz / Saimon Andrade. Boi Caprichoso. 2023.

(Hey, ha-ha-hey, ha) / (Hey, ha-ha-hey, ha) / Meu brado é forte e treme o chão / Meu brado faz revolução / Meu brado é luta indígena / É dança, é canto indígena / É guerra! É luta! É arte! / É festa! / (Herauê, rauê, rauê, rauê) / (Herauê, rauê, rauê, rauê) / Se meu direito é violado / Minha voz não calar / Ecoará (ecoará) / Eu luto por justiça social / Meu canto pelo tempo retumbará / Território indígena / Amazônia indígena / Meu Brasil indígena / Terra ancestral / Somos resistência / Pela existência / Contra a violência colonial / Somos filhos da mesma mãe / Ameaçada, sangrada e saqueada / Que suplica liberdade e esperança / Nosso clamor é pela vida / Flecha o progresso genocida / Pela proteção / Árvores e troncos milenares / Enquanto a ignorância / Enxerga somente os hectares / (Toca esse tambor) / (Pro mundo ressoar) / (Manifesto é o brado) / (Na festa do boi-bumbá) / Essa pátria pertence aos povos indígenas / Antes

da coroa existia o cocar! / (Auê, harauê) / (Auê, harauê) / (Ôô, ô-ô-ôô) / Território indígena / Amazônia indígena / Meu Brasil indígena / Terra ancestral / Somos resistência / Pela existência / Contra a violência colonial / Somos resistência / Pela existência / Contra a violência colonial / (Hey, hey, hey, hey, hey, hey, hey). (BRASIL. MUNIZ. ANDRADE. 2023).

A toada *Meu Brado é Forte e Treme o Chão* celebra a força, resiliência e resistência dos povos indígenas, utilizando uma repetição rítmica impactante para reforçar a luta e a identidade. Versos como "Meu brado faz revolução" evocam um grito de guerra que simboliza a revolução indígena.

A canção combina dança, canto, luta e arte, mostrando que a cultura indígena é tanto resistência quanto celebração da vida. Trechos como "Se meu direito é violado, minha voz não calará" denunciam a violação dos direitos indígenas e a luta por justiça social.

A repetição de "Território indígena, Amazônia indígena, Meu Brasil indígena" reafirma a identidade e reivindicação dos territórios tradicionais. A metáfora "Flecha o progresso genocida" denuncia a violência colonial e a ameaça às terras ancestrais. No fim, a toada se torna um manifesto pela preservação da cultura indígena, clamando por respeito à ancestralidade e herança dos povos originários.

3. Toada (03): Legado Indígena. Compositores: João Medeiros / Marcos Lima / Maurinho Magalhães. Álbum: Amazônia do povo vermelho. Boi Garantido. 2022.

Dançam ao som do trocano / Do inhã-bé sagrado / No Ressoar das flautas / O índio se torna livre na dança / Kanamari, Dessana, Enawenenawe, Asurini, Tukano / A magia que emana / Os filhos do Sol / São heranças deixadas no tempo / Que renascem na arena sagrada / Da celebração / Vem pisa forte no chão / Pachamama / Dança pele vermelha / Espírito de Jaguar / Evoca na profecia / O fogo, a água e o ar / Pra dança da terra / Celebra Pachamama / Dança pele vermelha / Espírito de Jaguar / Evoca na profecia / O fogo, a água e o ar / Pra dança da terra / Celebram Pachamama / Resgatam memórias do tempo / Na trilha perfeita do Sol / Cintila a esperança perdida / Na argila que alimenta esse beiradão / Ressoam os tambores de paz da minha nação / Ressoam os tambores de paz da minha nação / Anauê, anauê, anauê / O índio se torna livre na dança / Dança pele vermelha / Espírito de Jaguar / Evoca na profecia / O fogo, a água e o ar / Pra dança da terra / Celebra Pachamama / Dança pele vermelha / Espírito de Jaguar / Evoca na profecia / O fogo, a água e o ar / Pra dança da terra / Celebra Pachamama / Resgatam memórias do tempo / Na trilha perfeita do Sol / Cintila a esperança perdida / Na argila que alimenta esse beiradão / Ressoam os tambores de paz da minha nação / Ressoam os tambores de paz da minha nação / Ressoam os tambores de paz da minha nação / Anauê, anauê, anauê. (MEDEIROS; LIMA; MAGALHÃES, 2022).

A toada *Legado Indígena* celebra a liberdade e a herança cultural indígena por meio da dança e da conexão com a natureza. Com um ritmo cadenciado e versos repetitivos, reforça a ritualidade e espiritualidade das práticas indígenas. Termos como "trocano," "inhã-bé sagrado" e "ressomar das flautas" evocam a música tradicional indígena, conferindo autenticidade à composição.

A menção a diversas etnias, como Kanamari, Dessana, Enawenenawe, Asurini e Tukano, destaca a diversidade cultural e a celebração da Pachamama (Mãe Terra) como símbolo de união e respeito ambiental.

A letra exalta a resistência e espiritualidade dos povos indígenas, invocando elementos naturais como fogo, água e ar, reafirmando sua ligação ancestral com o meio ambiente. A repetição de "Anauê" e a evocação de profecias reforçam a continuidade e força da cultura indígena, tornando a toada uma manifestação poética de identidade, resistência e celebração.

4. Pura Harmonia. Compositor: Emerson Maia. Álbum: mito, cultura e arte. Boi Garantido. 1999.

O meu lado de índio / É o melhor que eu tenho / É o meu lado moreno / É o meu lado do amor / Sempre em paz com a mata / Com a pureza da garça / Sempre bem com a vida / Em pura harmonia com o Beija-Flor / Eu vou, / Caminhando este rio que é fonte da vida / É meu caso de amor / Eu vou / No bailado da onda na dança marota / Que a Mãe Natureza me proporcionou / Eu vou, eu vou, me pinto de encarnado / Efeito de penas a doce morena / Convido as nações do mundo inteiro / Pra ver de vermelho meu povo brincar / De boi bumbá, eu vou / Vamos cantar, cantar / Vamos dançar, dançar / Dois pra lá e dois pra cá / É o índio guerreiro que mora / No sangue do parintinense / Caboclo valente que mostra pro mundo / Seu tesouro escondido / Alegria minha gente chegou o meu boi / De coração na testa / Fazendo uma festa vem sempre bonito / Ele é o boi Garantido. (MAIA, 1999)

A toada *Pura Harmonia* de Emerson Maia celebra profundamente a identidade indígena e a conexão com a natureza.

A letra destaca o orgulho do "lado de índio" como a melhor parte de si, sempre em paz com a mata e em harmonia com a pureza da garça e o Beija-Flor.

Atravessando rios que são fontes de vida, a toada convida as nações do mundo a verem seu povo brincar de boi-bumbá, pintado de encarnado e adornado com penas.

A canção exalta o caboclo valente de Parintins, que mostra ao mundo seu tesouro escondido.

Com tambores e flautas, a festa do boi Garantido é uma celebração da resistência e da tradição indígena, unindo branco, negro e índio em uma dança de alegria e celebração cultural.



VII- CONCLUSÃO.

O Festival Folclórico de Parintins transcende a mera celebração cultural; é um manifesto vivo de resistência e identidade dos povos indígenas da Amazônia. Cada toada, cada dança e cada ritual não são apenas expressões artísticas, mas ecos das vozes ancestrais, reafirmando a luta pela preservação de suas tradições e territórios.

A literatura indígena, presente nas toadas do boi-bumbá, se torna um instrumento de fortalecimento da identidade e valorização dos povos originários, amplificando suas reivindicações e desafios. Os ritos e lendas apresentados no festival são mais que elementos cênicos; são memórias preservadas, histórias recontadas e resistências reafirmadas, garantindo que os saberes indígenas ultrapassem gerações.

Sob as luzes do Bumbódromo, o grito dos guerreiros indígenas ressoa, fazendo do festival um espaço de manifestação cultural e política, onde a arte se entrelaça à luta por reconhecimento e respeito. Assim, enquanto houver toadas, enquanto houver quem cante, a história dos povos indígenas jamais será esquecida, pois sua voz continua a ecoar, forte e vibrante, pelo Brasil e pelo mundo.

UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

REFERÊNCIA

- AGUIRRE, A. (1999). **Cultura Organizacional**. Inespo, Universidad de Leon, México.
- ALMEIDA, J. F. & PINTO, J. M. **A investigação nas Ciências Sociais**. Lisboa: Editorial Presença. 1975.
- ALMEIDA, Maria Celestino. **Os índios na história do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p.14-28.
- ANDRADE, J.V. de. **Turismo - fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 1997.
- AZEVEDO, Alúcio. **O Mulato**. Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/omulato.pdf>. Acesso em: 05 d jan. 2025.
- BACHELARD, Gaston. **Epistemologia**. 2 ed. Tradução Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1983.
- BAYARD, Jean- Pierre. **História das lendas**. SP: Book e BooksBrasil.com, 2002.
- BAZTÁN, A. Etnografía. In A. A. Baztán (ed), **Etnografía: metodologia cualitativa em la investigación sociocultural**. Barcelona: Marcombo. pp. 3-20, 1995.
- BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Os Bois-Bumbás de Parintins**. Rio de Janeiro. Funarte/Editora Universidade do Amazonas, 2002.
- BRASIL. **Ministério de Educação e do Desporto / Secretaria de Educação Fundamental**. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 24-25, 118-120.
- CARIA, T. **A construção etnográfica do conhecimento em Ciências Sociais: reflexividade e fronteiras**. In T. Caria (Org.), **Experiência Etnográfica em Ciências Sociais**, Porto: Edições Afrontamento. pp. 9-20, 2002.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 9 ed. Brasília: J. Olympio, INL, P. .348.
- CASTELLANO RODRIGUES, Autor. **Direitos Linguísticos, Legislação e Educação**. 2018. Clementino, M. B. M. (2014). **Qual o idioma falado no Brasil?**
- CUNHA, Manuela C. da. (Org). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Cia da Letra e Secretaria. Municipal da cultura, Fapespe, 1992.
- DURKHEIM, É. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ERICKSON, F. **Métodos qualitativos de investigação**. Barcelona : ICE de la Universidade de Barcelona; Peidós; MEC, 1984.

REVISTAS.

AVALCANTI, Marcos Antônio. **O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 7, n. 3, p. 1034, 2000. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/nBC7VW39jNnV3vHB9gzbGnC/?lang=pt&format=pdf>.

Acesso em: 06 abr. 2023.

BUSON, Bruna. **Bumba meu boi: origem, lenda, festa e características**. Disponível em:

<https://blog.buson.com.br/bumba-meu-boi-origem-lenda-festa-e-caracteristicas/#:~:text=A%20origem%20do%20Bumba%20meu,como%20Piau%20C3%AD%2C%20Cear%20C3%A1%20e%20Pernambuco>. Acesso em: 05 fev. 2025.

CAMPOS, Fernando Rossetto Gallego. **Festival folclórico de Parintins: identidades e multiterritorialidades a partir das toadas dos bois caprichoso e garantido**. Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) –Disponível em:

file:///C:/Users/Neto%20Alc%C3%A2ntara/Downloads/FESTIVAL_FOLCLORICO_DE_PARINTINS_IDENTIDADES_E_MUL.pdf. Acesso em: 27 abr. 2023.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. Disponível em:

<https://pos.uea.edu.br/data/area/dissertacao/download/46-4.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2023.

CARDOSO, Maria Celeste de Souza. **Palavras e expressões indígenas em toadas de boi bumbá**. Tena Editora 2020. Disponível em:

<https://www.semanticscholar.org/paper/PALAVRAS-E-EXPRESS%20ES-IND%20GENAS-EM-TOADAS-DE-BOI-Cardoso/3d5f00984724a51f5c05a9cfa5a82edcccd5cb6b>. Acesso em 08 nov. 2024.

CARDOSO, Maria Celeste de Souza. **Toadas dos Bois-Bumbás: Memória e Arquivo**. 2013. Disponível em:

file:///C:/Users/Neto%20Alc%C3%A2ntara/Downloads/Toadas_Dos_Bois_Bumbas_Memoria_e_Arquivo.pdf. Acesso em: 27 abr. 2023.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa**. Hist. cienc. saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 6, supl. p. 1019-1046, set. 2000. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/nBC7VW39jNnV3vHB9gzbGnC/?lang=pt>. Acesso em 02 fev. 2021.

Costa, Cássia Ferreira. (2013). **Catálogo de Música Impressa. IX Encontro Internacional de Catalogadores e II Encontro Nacional de Catalogadores.** Disponível em: <https://www.telescopium.ufscar.br/index.php/eic-enacat/eic-enacat/paper/viewFile/56/11>. Prefeitura de São Paulo (SP). Biblioteca Municipal Mário de Andrade. Acesso: 08 jan. 2025.

CRUZ, Teresa Almeida. **Os processos de lutas e resistências dos povos indígenas do Brasil.** Universidade Federal do Acre, 2017. Disponível em: [link do PDF](<file:///C:/Users/Neto%20Alc%C3%A2ntara/Downloads/agandin,+653-2217-1-SM.pdf>). Acesso em: 08 jan. 2025.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie; DANNER, Fernando. **A literatura indígena brasileira, o movimento indígena brasileiro e o regime militar: uma perspectiva desde Davi Kopenawa, Ailton Krenak, Kaká Werá e Alvaro Tukano.** Disponível em: <file:///C:/Users/Neto%20Alc%C3%A2ntara/Downloads/comissao,+layout+danner+et+al.pdf>. Acesso em: 15 de jan. 2025.

Dicionário Aurélio. "Poesia." Disponível em: <https://www.dicio.com.br/poesia/>. Acesso em: 29 out. 2024.

FERNANDES, Natalia Ap. Morato. **A política cultural à época da ditadura militar.** Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 3, n. 1, jan-jun 2013, pp. 173-19 Link: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/124/71>. Acesso: 03 de jan. 2025.

GOMES, Letícia Vilarinho; NASCIMENTO, Mayara Gloria Rael de Oliveira. **Festival Folclórico de Parintins: uma análise teórica das influências culturais indígenas.** 2021.

Disponível em: <https://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/132193.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2024.

GOMES, Letícia Vilarinho; NASCIMENTO, Mayara Gloria Rael de Oliveira. **Festival Folclórico de Parintins: Uma Análise Teórica das Influências Culturais Indígenas.** ENECULT: Encontro Multidisciplinar de Curitiba, 2021, Salvador, Bahia, Brasil. Disponível em: <https://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/132193.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2025.

GRACIA, Tadeu. **Auto da Amazônia. Boi Garantido**, álbum “Toadas de Tadeu Garcia”, divulgado no Youtube, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bGGCEc39YIo&list=PLQta8DXtIqBqPbtGo4UcU1HildRA3Jdu&index=5>. Acesso em: 09 nov. 2024.

Lima, D. M. da C. (UFCG/Paraíba). **Literatura e Autoridade Etnográfica: Diálogos Possíveis.** Disponível em: [link](<file:///C:/Users/Neto%20Alc%C3%A2ntara/Downloads/Literatura%20e%20Autoridade>

[%20Etnogr%C3%A1fica%20Diálogos%20Possíveis%20\(1\).pdf](#)). Acesso: 11 de jan. 2025.

Lima, Nair Santos. **A Festa das Tribos: perspectivas folkcomunicativas em um cenário de resistência.** Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6317/631766106009/html/>. Acesso em: 06. jan. 2025.

Lopez, G. L. (1999). **O método etnográfico como um paradigma científico e sua aplicação na pesquisa. História e Educação**, Universidade Luterana do Brasil. Disponível em: link: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/660/470#:~:text=O%20m%C3%A9todo%20etnogr%C3%A1fico%20%C3%A9%20usado,no%20uso%20da%20variada%20tecnologia>. Acesso em: 11 jan. 2025.

MUNKURUKU, Daniel. **Usando a palavra certa pra doutor não reclamar - Mundurukando três.** Artigo publicado no blog do autor Disponível em: . Acesso em: 05 abr. 2024.

NAKANOME, Ericky da Silva. **A representação do Indígena no Festival Folclórico de Parintins.** Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal da Bahia – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Salvador. 2017. Disponível em: http://www.ppgav.eba.ufba.br/sites/ppgav.eba.ufba.br/files/ericky_da_silva_nakanome_.pdf Acesso em: 05 nov. 2024.

NAKANOME, Ericky da Silva. **A representação do Indígena no Festival Folclórico de Parintins. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal da Bahia – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Salvador.** 2017. Disponível em: http://www.ppgav.eba.ufba.br/sites/ppgav.eba.ufba.br/files/ericky_da_silva_nakanome_.pdf Acesso em: 10 nov. 2024.

Napolitano, M. (2013). **A questão da resistência cultural.** São Paulo: Memória da Resistência. Recuperado de https://memorialdaresistencia.org.br/wp-content/uploads/2021/03/2013_A-questao-da-resistencia-cultural.pdf. Acesso em: 03. jan. 2025.

NASCIMENTO, Cicero Bruno Barros. **Lugar de Memória: os mitos e as lendas na construção de identidades.** Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação - REASE, 2022. Disponível em: <file:///C:/Users/Neto%20Alc%C3%A2ntara/Downloads/122-LUGAR+DE+MEM%C3%93RIA+OS+MITOS+E+AS+LENDAS+NA+CONSTRU%C3%87%C3%83O+DE+IDENTIDADES.pdf> . Acesso em: 02. jan. 2025.

Nesimi, A. S. (2019). **A escrita etnográfica entre a antropologia e a literatura.** Disponível em:

link:

https://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo20/08_Nesimi_Ensaio_XX.pdf. Acesso em: 11 jan. 2025.

PAULA, Francenilce Silva de. **Cenários culturais do baixo Amazonas na obra 'o coronel sangrado' de Inglez de Souza: uma leitura epistemológica do romance.** Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida, Universidade Federal do Oeste do Pará, 2018.

PINHO, Jessenice Melo Araujo. **A festa do Bumba-meu-boi no Maranhão: desafios entre a tradição e a inovação**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, 2012. Disponível em: <https://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/447-1257-1-PB.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2025.

Ramos, I. de S. (2009). **Literatura e autoritarismo. Dossiê "cultura brasileira moderna e contemporânea"**. Disponível em:

<http://w3.ufsm.br/literaturaeautoritarismo/revista/dossie02/apresentacao.php>. Acesso: 11 de jan. 2025.

Ramos, R. dos S. (2021). **Literatura indígena: possibilidades em sala de aula**. Revista Brasileira de Educação, Cultura e Linguagem. Disponível em: [file:///C:/Users/Neto%20Alc%C3%A2ntara/Downloads/leialacerda,+VII+Artigo+sobre+possibilidades+do+uso+da+literatura+ind%C3%ADgena+em+sala+de+aula+(1)%20(1).pdf]. Acesso em: 11 jan. 2025.

ROSA, Cláudia Beltrão. **Ritual e narrativa: A supplicatio no mito da Fortuna Muliebris**. História, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, p. 123-137, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/JhBxkHtWtZLZnvMmdqsXRHw/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 2 fev. 2025.

SANTOS, Désirée Ciro Nery dos. **Manifestações no combate à ditadura militar pelas lentes das músicas e movimentos estudantis**. Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), 2022. Disponível em: https://www.encontro2022.pe.anpuh.org/resources/anais/21/anpuh-pe-eeh2022/1664572791_ARQUIVO_385e325413b0945315ead760b44d45a3.pdf. Acesso em: 16. jan. 2025.

SANTOS, Francisco Bezerra dos. **Uma poética da floresta: a narrativa indígena no Amazonas**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes, Universidade do Estado do Amazonas-UEA, 2020. p. 13. Disponível em: <https://pos.uea.edu.br/data/area/dissertacao/download/46-4.pdf> Acesso em: 29 out. 2024.

SEGOVIA HERRERA, M. **Risco e segurança do trabalho desde o ponto de vista de um grupo de trabalhadores de uma agência de distribuição de energia elétrica**. In: ENCONTRO INTERAMERICANO DE PESQUISA QUALITATIVA EM ENFERMAGEM, I. São Paulo. Trabalhos. São Paulo: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo/ Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, 1988. p. 63-9. (Resumo).

SILVA, Adan Renê Pereira da. **Festa do povo negro: protagonismo africano no boi-bumbá garantido de Parintins**. Revista Foco: caderno de estudos e pesquisa em ciências humanas e sociais, Curitiba, v. 16, n. 3, p. 01-21, 2023. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/1395/1013> Acesso em: 02 nov. 2024.

SILVA, Fernando Moreno da. **Achegas ao fenômeno do empréstimo linguístico: redefinindo os termos empréstimo e estrangeirismo**. Revista de Divulgação Científica em Língua

Portuguesa, Linguística e Literatura, v. 20, n. 2, junho de 2021. ISSN 1982-7717. Disponível em:
file:///C:/Users/Neto%20Alc%C3%A2ntara/Downloads/lucaslima,+1_1a19_ACHEGAS+AO+FEN%C3%94MENO+DO+EMPR%C3%89STIMO+LINGU%C3%8DSTICO+REDEFINI+NDO+OS+TERMOS+EMPR%C3%89STIMO+E+ESTRANGEIRISMO.pdf. Acesso em: 02. Jan. 2025.

Silva, M. B. (2020). **Toada dos Bois-Bumbás de Parintins: Uma Análise Discursiva**. Manaus-AM. Disponível em: <https://ppgla.uea.edu.br/wp-content/uploads/2021/06/Toadas-dos-Bois-Bumbas-de-Parintins-uma-analise-discursiva.pdf>. Acesso: 06. jan. 2025.

Silveira, D. O., & Nakanome, E. S. (2021). **O Boi-Bumbá de Parintins como Arte e História Pública: Do Folgado de Terreiro ao Espetáculo de Arena e Além**. Arteriais | Revista do PPGARTES | ICA | UFPA, v. 7, n. 12, junho de 2021. Recuperado de <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ppgartes/article/viewFile/12683/8761>. Acesso em: 03. jan. 2025.

SOUZA, Inéia Simas de. **A festa de boi-bumbá em Parintins: tradição e identidade cultural**. Disponível em:
<https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/4458/2/Dissertação%20-%20Inéia%20Simas%20de%20Souza.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2023.

SOUZA, Inéia Simas de. **Festival folclórico de Parintins: um olhar sociocultural e educacional**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011. Disponível em:
<https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/4458/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20In%C3%A9ia%20Simas%20de%20Souza.pdf> Acesso em: 27 abr. 2023.

Trento, B. M., & Ribeiro, R. G. T. (2022). **Um olhar para a memória e a história da língua materna indígena guarani: um ato de resistência**. (link: [file:///C:/Users/Neto%20Alc%C3%A2ntara/Downloads/719+um+olhar+para+amem%C3%B3ria+e+hist%C3%B3ria+guarani.pdf](file:///C:/Users/Neto%20Alc%C3%A2ntara/Downloads/7-19+um+olhar+para+amem%C3%B3ria+e+hist%C3%B3ria+guarani.pdf)). Acesso em: 30. jan. 2025.

VIEIRA FILHO, Raimundo Dejard. **A festa de boi-bumbá em Parintins: tradição e identidade cultural**. 2002. Disponível em:
file:///C:/Users/Neto%20Alc%C3%A2ntara/Downloads/A_festa_de_boi_bumba_em_Parintins_tradic.pdf. Acesso em: 06 abr. 2023.

ERICKSON, F. **Qualitative methods in research on teaching**. In M. C. Wittrock, Handbook of research on teaching. New York: Macmillan. pp. 119-161, 1986.

FARIAS, J. C. **De Parintins para o mundo ouvir: na cadência das toadas dos bois-bumbás Caprichoso e Garantido**. Rio de Janeiro: Litteris Ed, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. GOÉS, Fred (Org). **A grande maloca**. Revista do Garantido. Parintins, 2006.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da Literatura Indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013. <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/omulato.pdf>.

JEKUPÉ, Olívio. **Literatura escrita pelos povos indígenas**. São Paulo, SP: Scortecci, 2009.

LEININGER, M. **Qualitative research methods in nursing**. Orlando: Grune & Stratton, 1985. cap. 3, p. 33-71: Ethnography and ethnonursing models and modes of qualitative data analysis.

LÓSSIO, Rúbia. **Lendas: processo de folkcomunicação**. _____, 2010, p. 1.
LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. 4. ed. Belém: Cultural Brasil, 2015.

MACIEL, Carlos Alberto Batista. **Rito, Socialização e Poder: Reflexões e Indagações Teóricas**. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara – SP. Orientadora: Maria Ângela D’Incao. Bolsista do PICDT da UFPA.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Magia, Ciência e Religião**. Lisboa: Edições 70, 1984.

MEY, E. S. A.; SILVEIRA, N. C. **Catálogo no plural**. Brasília: Briquet Lemos, 2009.
MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia portuguesa**. 4 ed. Campinas: Pontes, 2002.

Parintins: Cultura e Folclore, n 1, jun. Parintins, 2000.

RAGUSA, G. **Lira grega: antologia de poesia arcaica**. São Paulo: Hedra, 2013.

RODRIGUES, Allan. **Boi-bumbá: Evolução**. Manaus: Editora Valer, 2006.


Salah, Mohamed & Abdel, Ahmed. **"O Turismo como Fenômeno Econômico."** *Estudos Econômicos e Sociais*, 1991.

SANTOS, Franciele Silva. **Juvenal Payayá e a literatura de autoria indígena no Brasil**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em literatura e cultura da UFBA. Salvador, 2016.

Santos, G. F. (2014). **Língua oficial e direitos linguísticos na Constituição Brasileira de 1988**. Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Brasil.s.

Santos, J. A. (2022). **Os movimentos sociais e a luta pela inclusão social no Brasil**. São Paulo: Editora Acadêmica.

SAUNIER, Tonzinho. **O magnífico folclore de Parintins**. Imprensa Oficial do Estado do Amazonas. Manaus, 1989.



SCHIMITT, Jean-Claude. **O corpo, os ritos, os sonhos, o tempo: ensaios de antropologia medieval**. Petrópolis: Vozes, 2014.

TASSINARI, Antonella M. I. **Sociedades Indígenas: introdução ao tema da diversidade cultural**. In: SILVA, Aracy L. da; GRUPIONI, Luiz D. B. A Temática Indígena na Escola. Brasília: MEC/MARI/ UNESCO, 1995.

TENÓRIO, Basílio. **A cultura do boi-bumbá em Parintins. Parintins**: Gráfica e Editora João XXIII, 2016.

VALETIN, Andreas. **Contrários: a celebração da rivalidade dos Bois-Bumbás de Parintins**. Manaus: Editora Valer, 2005.

VIDEOS.

PROFESSOR Edson **Kayapó e a importância da Literatura Indígena**. Daniel Munduruku. YouTube. 2015. 4min27s. Disponível em: Acesso em: 20 de julho de 2021.



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS